

Etnicidade e ancestralidade, seus sentidos e significados nas narrativas de “gaúchos” migrados para Roraima

Carla Monteiro de Souza *

RESUMO

Este trabalho enfoca narrativas orais de naturais do Rio Grande do Sul descendentes de italianos migrados para Roraima a partir dos anos 1980, iluminando as formas como a etnicidade e a ancestralidade são reivindicadas na composição da identidade regional sulina, nos processos de narratização do eu migrante e como mediadoras das estratégias de inserção na sociedade roraimense.

Palavras-chave: migrante, etnicidade, identidade

Abstract

This study focuses on oral narratives of natural Rio Grande do Sul descendants of Italians migrated to Roraima from the 1980s, illuminating the ways that ethnicity and ancestry are claimed in the composition of regional identity sulina, in the migrant narratization of I and mediating strategies for integration in society roraimense.

Palavras Key: migrants, ethnicity, identity

No livro “O homem desenraizado”, Todorov usa sua própria experiência como imigrante para refletir sobre o quanto pode ser estranho e maravilhoso viver em um outro lugar que não o seu. Enfatiza que a princípio o processo de inserção pode ser difícil, pois “é muito mais agradável viver entre os seus” (1999: 27). Não obstante a dor, as saudades e o estranhamento, o processo de inserção requer a adoção de estratégias diversas pautadas essencialmente na negociação, até mesmo em casos em que existem situações conflitivas.

A convivência que se estabelece entre o migrante e os “da terra”, permeada por interrogações, contradições e estranhamentos, se estabelece em via de “mão dupla”, variando de acordo com as situações específicas de vida. Nas trajetórias migrantes abordadas, os elementos referenciais desse processo de inserção situam-se no passado deixado para trás e no presente vivido, instâncias em constante diálogo.

Na pesquisa realizada sobre a migração de naturais do Rio Grande do Sul para Roraima¹, a utilização da metodologia da história oral foi fundamental para acessarmos a complexidade de viver em um outro lugar, de reestruturar relações humanas, espaciais e

* Departamento de História da Universidade Federal de Roraima-UFRR. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS.

1 Este trabalho toma como fontes as narrativas orais de descendentes de italianos nascidos no Rio Grande do Sul e, atualmente, radicados em Boa Vista, Roraima. É parte da pesquisa de doutorado desenvolvida junto ao PPG-História da PUCRS, intitulada “História, Memória e Migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima”, na qual foram entrevistados sete migrantes, residentes em Roraima a mais de quinze anos. Neste texto os narradores não serão identificados pelo nome, seguindo o padrão adotado na tese.

temporais. Ao falar das experiências vivenciadas, o migrante requisita a memória e os instrumentos narrativos necessários e desejáveis para contar o que viveu e vive, buscando ser o mais fidedigno possível, atendendo aos seus próprios objetivos narrativos e aos do ouvinte. Como afirma Jobim, toda narrativa “pertence a uma cultura, inscreve-se em uma história social, insere-se em um sistema de convenções, que regulam inclusive sua forma, seu gênero etc” (2003: 149).

Ao contar a sua história, respondendo as indagações situadas no presente – neste caso, “como é ser gaúcho em Roraima?” – as narrativas coletadas configuraram em cores vivas aquele que é considerado o começo, as origens e os elementos constituintes das trajetórias migrantes, no plano individual e social. Neste sentido, focar-se-á os fundamentos étnicos ativados nas narrativas, levando em conta que narrar é sempre ir além da suposta individualidade do autor e do ouvinte, “é fazer uso da herança cultural em que se enraíza a própria existência da narrativa, como uma forma possível de dar sentido ao real” (JOBIM, 2003: 150).

Para narrar é necessário, portanto, dominar um certo repertório de habilidades culturalmente definidas. A informação cultural envolvida na produção das narrativas, inscreve-se em “quadros de referência”, ou, como explicou Halbwachs, em “quadros sociais da memória” (1990). A sua abordagem possibilita compreender os “conteúdos” das narrativas.

Verificou-se que a etnicidade desempenhou papel importante na configuração da identidade regional sulina e, também, na narrativa do processo de inserção em Roraima. Nas falas dos gaúchos migrados fica bem claro a reivindicação da descendência italiana e dos atributos étnicos socialmente vinculados a ela, como elementos norteadores da narrativa e como produtores de sentidos e significados. Nas experiências migrantes coletadas, a etnicidade liga-se a noção de começo, de origem, e a de um presente cujo sentido repousa no passado, que é capaz de explicá-lo e justificá-lo.

A pesquisa supramencionada, configurou a etnicidade como um dos elementos basilares na composição da identidade regional sulina, o que está profundamente ligado a história da ocupação do Rio Grande do Sul, a seus mitos e verdades.

Assim, pode-se dizer que o mundo do “Pampa” é referência nomeadora do estado do Rio Grande do Sul. Desde os seus primórdios, a região composta de campos e cochilas identifica a porção mais extrema ao sul do Brasil. Sua geografia e sua paisagem ilustram as representações de uma sociedade forjada nas lidas da criação de gado, segundo a qual homem e meio se conjugam formando uma imagem indissociável e amplamente conhecida e divulgada.

O tipo humano a ele associado é o do gaúcho de bombacha, amorenado, “indiado”, o homem da estância e da fronteira. Por outro lado, é possível ver também, com bastante recorrência, a associação do gaúcho aos tipos humanos europeizados, associados a ocupação da região do que chamamos genericamente “Serra”, normalmente identificados com a figura de agricultores de bochechas vermelhas e de fala marcada por um acento peculiar que não lembra o português.

Contraditoriamente, há também a idéia de que não há mistura entre os dois tipos, o que não criaria tipos mestiços. A isso, o senso comum também agrega o fato de que no Rio Grande do Sul não existiriam negros, ou ainda estes seriam uma minoria pouco expressiva. Um pouco menos invisível, o índio é lembrado na constituição de alguns elementos culturais, que repousam em um passado que pouco ou nada diz ao presente.

Os dois tipos humanos citados compõem as representações do que se conhece comumente como “gaúcho” fora do Rio Grande do Sul. A sua configuração no âmbito da pesquisa já citada, serviu para destacar o fato de que os naturais desse estado carregam consigo para onde vão uma imagem definidora. Se denominam e são denominados “gaúchos”, um termo eivado de elementos culturais bem demarcados, autodefinidores, sendo quase nunca nomeados como sul-riograndinos ou sul-riograndenses.

Neste aspecto, alguns autores mencionam a existência de um “amalgama étnico”. O tipo de povoamento da região, eivado de singularidades em relação ao resto do Brasil – a presença na composição do tipo regional do elemento indígena, lusitano e hispano-americano e das demais correntes imigratórias européias, com destaque para os alemães e os italianos – alicerçam esta noção. Segundo Kaiser, a todos parece que “os gaúchos se sentem à vontade com sua herança castelhana”, ao mesmo tempo em que a integração dos imigrantes europeus foi linear e rápida (1999: 49), sendo esta a base para uma certa imagem que se tem do gaúcho: um homem vestido segundo a tradição, mas de tipo físico europeizado, alourado e de olhos claros.

Na pesquisa desenvolvida ficou claro que as referências ao passado “colono” do gaúcho incorpora à identidade regional sulina alguns diacríticos, aqui caracterizados como psicológicos. Relacionam-se à comportamentos e personalidades, à certas práticas sociais, culturais e políticas, assim como estruturam marcadores que definem e qualificam o ser gaúcho migrante: é trabalhador, é fechado, é festeiro, honra o fio do bigode, come bem ...

Muito já se disse sobre etnicidade e, no senso comum, um grupo étnico se define pelas suas características e homogeneidades. Do ponto de vista acadêmico, a etnicidade é concebida como um fato social “variável”. Não seria tomada como qualidade ou propriedade definidora

de um grupo em termos absolutos, mas “como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social, cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações”. A etnicidade, considerada como um tipo de ação social ou como um modo de organização das relações sociais, é suscetível de transformações e de redefinições (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, 125).

Trazer a noção de etnicidade para a abordagem da experiência vivida por gaúchos em Roraima, relacionou-se ao levantamento do repertório das identidades disponíveis em uma certa situação de interação, observando a forma como as identidades se expressam e ganham relevo nas diversas situações de contato. Ligou-se ao estudo das marcas, das escolhas táticas, das estratégias que os atores sociais acionaram e manipularam para se identificarem e se diferenciarem no jogo das relações sociais (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, 117).

Nesse sentido, comunga-se com F. Barth, quando afirma que o contato cultural e a mobilidade das pessoas problematiza a emergência e a permanência dos grupos como unidades identificáveis por suas fronteiras. Explica que “a fronteira étnica canaliza a vida social”, acarretando uma organização complexa das relações sociais e comportamentais (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, 196). Assim, os atributos culturais se expressariam, não como aspectos inefáveis de uma certa cultura ou grupo social, mas como “reivindicação pública que necessita ser publicamente validada e ratificada” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, 113). A sua expressão visa distinguir, estabelecendo categorias nas quais estariam contidos os elementos definidores do “nós” e do “eles”.

A etnicidade vista “como uma qualidade ou uma propriedade que não deriva da pertença a um grupo, mas como a capacidade cognitiva de categorização que opera a partir de símbolos culturais”, mobiliza os indivíduos na busca por práticas e comportamentos que o autodefinem, bem como as relações estabelecidas em um dado contexto. A concepção de etnicidade como algo essencialmente dinâmico, revela a sua propriedade contrastiva e performativa, na qual os marcadores étnicos se recompõem continuamente nos processos de interação social induzidas por situações de mudança – como colonização, urbanização, (i)migração (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, 114-115).

Nas narrativas coletadas, os referenciais étnicos aparecem de formas variadas, sendo usados como definidores de modos de ser e de viver mas, também, de personalidades e comportamentos individuais. Uma narradora recorre a lendária e estilizada figura da “*Mamma*” italiana, para explicar a forma como se relaciona com os demais membros de sua família que migraram a partir de sua vinda para Boa Vista/RR. Sua avaliação de si mesma toma como base uma série de representações construídas acerca da família italiana, algumas

difundidas fartamente pelas *mídia*, principalmente quando afirma que “o italiano tem esse negócio muito mais matriarcal que patriarcal”.

Da mesma forma, essa narradora explicita o papel que a cultura italiana exerce no seu processo de inserção e, “por tabela”, de outros gaúchos, quando explica: “a gente não fala italiano, a gente não vive na Itália, mas ninguém, por mais que não tenha o dia-a-dia do italiano, a gente tem dentro da gente, os de segunda, de terceira geração”. É muito clara quando afirma que “vai passar para os filhos, quarta, quinta geração, essa cultura italiana que a gente tem”, consciente de que ela “vai sendo modificada com ao longo do tempo”.

Assim como os outros entrevistados, reconhece que os atributos étnicos “herdados” de seus antepassados imigrantes italianos não são imutáveis, mas antes dinâmicos. Ressalta a sua solidez, porém, ao falar de seu casamento com um paraibano e ao descrever a forma como cria seus filhos nascidos em Roraima.

Nota-se que em todas as falas coletadas o referencial étnico tem lugar de destaque, ainda que seja para negá-lo ou criticá-lo, o que aconteceu em apenas uma entrevista. A composição familiar de dois narradores irmãos mostra bem isso: “mesmo sendo criada com pai e mãe, italiano e brasileira, se tu me perguntar muito da família da minha mãe eu não sei”. Ao explicar esta predominância, diz que “talvez seja característica brasileira não falar muito das suas coisas, não falar muito de sua cultura, das suas raízes, o italiano tem isso”.

Ficou claro aqui como marcadores étnicos delimitaram uma série de fronteiras, entre vários “eu/nós” e vários “outros” – brasileiros e italianos, migrantes gaúchos e demais migrantes, gaúchos e roraimenses. Essa pluralidade de significados propiciou que a etnicidade desempenhasse no discurso identitário dos gaúchos migrantes uma multiplicidade de funções, que podem ser organizadas e disponibilizadas de acordo com as interações e situações vivenciadas.

Arrolar a descendência através do histórico familiar ou através do histórico do lugar de origem, tem valor explicativo no discurso que visa “dizer quem é quem”, como pensa e como age. Na composição da identidade individual ou coletiva, responde geralmente pelas “heranças”, características consideradas inatas, com funções variadas: explicativas, justificativas, coercitivas, integrativas etc.

É uma categoria fundamental na composição do discurso étnico. A crença na origem comum dá substância aos atributos étnicos, tornando-os “naturais” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, 161-162). Orientados por liames de filiação sempre referenciados no passado, a crença na existência do “ancestral comum”, particularizado (pais, família) ou coletivo (povo, região, país) serve para reificar esses atributos de origem que, tomados como características herdadas,

adquirem significado qualitativo e valorativo.

No que tange aos gaúchos entrevistados, percebe-se que a questão da descendência é reivindicada em muitas situações. As referências a ancestralidade apareceram em várias partes da narrativa: quando falam do passado e da sua vida presente; como elemento importante na representação que esses indivíduos tem de si; e, ainda, como elemento qualificador, definidor de competências, capacidades e habilidades que, tidas como naturais e herdadas, constituem fator explicativo para algo existente no tempo presente.

Muitos citam uma suposta primazia daqueles de descendência imigrante européia não-lusitana nas migrações para fora do Rio Grande do Sul, destacando-se as alusões acerca do pioneirismo e do arrojo do imigrante. A vontade de ousar, de ir em busca de uma vida melhor, a tenacidade diante de situações difíceis, o bom senso diante do estranhamento e das contradições são consideradas características herdadas.

Ainda que se observe nas narrativas a consciência de que a herança cultural dos antepassados foi adaptada, negociada, mesclada ou perdida, existem certos atributos que estão “no sangue”, ou seja, são considerados intocáveis, tomados como essência, como nas falas do casal de irmãos entrevistados: “essa maneira da gente ser muito incisivo, muito positivo nas coisas, aparentar uma autoridade que às vezes nem tem, de ter um tom de voz muito enfático”, é herança do pai “italiano”, afirmam.

Traços de personalidade e de comportamento atribuídos aos ascendentes explicam um certo tipo de vida, que liga a trajetória do migrante de hoje com a dos seus parentes imigrantes de décadas atrás. Com uma função instrumental clara, essas referências e comparações também servem para justificar e dar sentido a erros, acertos, imprudências, empreitadas bem sucedidas e fracassos, enfim, a todos aqueles fatos absolutamente normais na vida de qualquer ser humano, como se vê nessa fala: “Eu acho que puxei ao velhinho (...) Meu pai era bem aventureiro, assim ele fez muito negócio grande, quando menos esperava surgia uma idéia nova (...) ele era exagerado, era bem aventureiro, queria as coisas rápidas, resultados rápidos”.

A transferência de atributos, características e experiências de uma geração para outra é naturalizada. Uma narradora, ao referir-se à cultura italiana impregnada em sua formação, diagnostica que “é uma coisa que está muito dentro de cada um”. Afirma que não se lembra de ouvir o pai dizer “olha quando tu crescer, tiver a tua família, mantém o nome da família italiana, nunca ninguém disse isso”. Segue explicando que “é uma naturalidade preservar um pouco da cultura que a gente tem, o sonho de conhecer a Itália (...) eu não morro sem ir à Itália e se perguntar porque, eu acho que é uma forma de resgatar um pouco da minha família”.

Neste aspecto, o único narrador que relativizou a influência direta de seus pais, recorre aos seus avós, destacando o avô por parte de pai que veio da Itália em busca de terras, explicando que ele “não sabia escrever, não sabia nada, mas ele tinha uma memória, não esqueceu nada”. Um certo rompimento com a herança paterna, não foram suficientes para apagar as referências à descendência de “boa cepa”, redirecionada para *nono*.

A importância da ancestralidade se estende e se projeta também para o futuro. Um dos narradores explica que é muito importante o intercâmbio com os conterrâneos do Rio Grande do Sul, mas também com a Itália: “viagens para conhecer aonde os nossos ancestrais tiveram origem” e “saber onde a árvore genealógica teve realmente o seu começo”, pode trazer inúmeros benefícios. Em muitos casos essa expectativa se baseia em suposições, em informações esparsas e isoladas ou em fatos contados e recontados: a placa de um restaurante em certa cidade na Itália; as observações de um amigo que para lá viajou; o rastreamento superficial de um sobrenome; as informações em livros de famílias.

As “heranças” ancestrais, familiares ou sociais, definem também lugares sociais. Um dos narradores, fundador do Centro de Tradições Gaúchas Nova Querência, em Boa Vista, explica que “se sente feliz quando pessoas de outros estados compartilham a cultura que a gente herdou de berço, isso para nós é gratificante”. Ao afirmar que “é bem verdade que a gente também vai herdando outras culturas e acaba se inteirando e formando uma amizade bastante sólida”, reconhece que as negociações e as mediações são necessárias para a inserção, a necessária adaptação e o bem viver.

A ancestralidade e suas heranças definem marcadores étnicos pertinentes e eficientes que aparecem nas falas, principalmente quando se fala de trabalho e de valores morais. Herdados dos pais e avós, são apontados como fatores determinantes na definição de um certo tipo de indivíduo, assim como do grupo que migra, como nessa fala: “o gaúcho que sai tem um sanguezinho italiano ou alemão por trás, não sei a estatística, mas o gaúcho tem esse sanguezinho aventureiro, no bom sentido, de buscar alguma coisa mais na vida”; completa diagnosticando que “muitos dos que vieram para cá, poucos são brasileiros puros, pouquíssimos, todos têm o sanguezinho estrangeiro nas costas”.

As afinidades manifestas no interior do grupo étnico decorrem de contrastes e oposições, e a construção da fronteira étnica é um processo dinâmico, sempre sujeito à redefinição e à recomposição. Envolve a atribuição de “nomes étnicos”, se dá em função de um jogo complexo, não estando circunscrita a imposição e/ou a dominação, implicando muito mais em negociação, dado o seu caráter relacional e dinâmico. As falas dos entrevistados estão recheadas de expressões que evidenciam isso. Os narradores denominam a si e aos

outros, recorrendo a termos como “italianos”, “alemães”, “brasileiros”, “pelos duros”, “índios” etc., que no texto ganham novos e variados significados. Alguns termos vem definidos, “a minha avó materna, que é brasileira, descendente de indígenas Tupi-Guarani, já é mais reservada, mais na dela”; outros, nem tanto.

Junto à nomeação de si, as narrativas ensejaram uma definição da sociedade roraimense: “porque eu nem sei quem são as pessoas daqui? (...) porque aqui tem maranhense, paraense, gaúcho, paulista e, praticamente, as pessoas daqui são somente os índios mesmo”. No entanto, independente do sentido que adquiram no texto, a função essencial destes “rótulos” é contrastiva e performativa, ou seja, definem quem é quem, como age, que lugares ocupa, o que dele se espera etc.

Ligando-se diretamente aos itens anteriores, o trabalho é apontado em todas as narrativas como o bem mais precioso legado pelos ancestrais. Nas falas dos gaúchos migrantes o trabalho dignifica e molda o indivíduo, é uma vocação, tida como “uma coisa de berço”, “que a gente herdou”. Um dos narradores afirma que a prontidão para o trabalho, junto com a honestidade, a educação e a dignidade foi a principal herança a ele legada.

Como um valor herdado, se expressaria de uma maneira peculiar, apontada pelos narradores como uma capacidade e uma tenacidade para trabalhar quase que inesgotável, não importando o tipo de trabalho e as dificuldades que se apresentem: “... isso é uma coisa que eu apreendi com eles, que a questão do trabalho era em primeiro lugar”.

Em se tratando de gaúchos descendentes de imigrantes europeus não-lusitanos, existe todo um imaginário historicamente construído que atribui ao imigrante/colono uma capacidade superior em relação ao trabalho. Como bem diz um dos narradores, a presença marcante de alemães e italianos, que desbravaram regiões inexploradas e selvagens, “repassou para o sul” a importante lição de que as regiões desenvolvidas se construíram como muito o trabalho.

Palavras como esforço, eficiência, retidão, resistência, disciplina, perseverança, capacidade empreendedora, associativa e de liderança, aparecem invariavelmente quando se cruzam as categorias identidade regional, etnicidade, trabalho e imigrantes. Estes termos compõem um discurso profundamente enraizado no senso comum que contribui para diferenciar o trabalhador gaúcho dos outros trabalhadores.

Nas narrativas o trabalho qualifica, expõem diferenças: “eu acho que a questão do trabalho é muito do sul”; “eu sem trabalhar me sentiria a mulher mais inútil do mundo”. Assim, as comparações são inevitáveis: “... o trabalho lá (RS) é um negócio, que é levado a sério, tem aquele negócio lá de fazer as coisas por si próprio (...) aqui (RR) é um estado que gira em torno do serviço público federal”.

O trabalho é também um importante referencial na composição das lembranças que explicariam contextos e práticas sociais que identificam e justificam a pertença. Um importante aspecto da cultura do trabalho na região, que é o trabalho familiar, aparece em todas as narrativas. O labor organizado e realizado em torno da família nuclear, da parentela, dos agregados, dos próximos serve para justificar um certo tipo de conduta, baseadas em princípios com forte lastro e significado social. No geral o gaúcho se considera um trabalhador que “se dedica de manhã, de tarde e de noite, de corpo e alma ao trabalho”, destacando que fazem “o trabalho com prazer”, que vivem o “trabalho com paixão”.

Pode-se inferir que as referências à etnicidade que aparecem nas falas dizem respeito, muito mais, ao modo de vida colonial que propriamente ao da pátria de origem dos antepassados. Destacam-se como temas recorrentes, nas referências pretéritas e nas atuais, as péssimas condições de vida enfrentadas na terra natal, a determinação de mudar de vida, os sacrifícios enfrentados para tal, a dureza da viagem, o difícil recomeço e, no mais das vezes, os bons frutos colhidos com o passar do tempo, obtidos através de muito trabalho e de estratégias geralmente criativas, de inserção, de adaptação e de reconstrução da identidade.

Como uma construção, decorrente de processos de interação e negociação que vêm ocorrendo há várias gerações, o modo de vida colonial/imigrante está em constante ressignificação. Observa-se que a “herança” étnica chega até os narradores, não apenas pelas referências familiares e regionais, mas , também, através de outros meios e veículos: um entrevistado, ao falar da trajetória de sua família na Serra Gaúcha, diz que “teve até um filme O Quatrilho, a história nós achamos que seja de um antepassado nosso”; uma outra narradora, referindo-se a novela *Terra Nostra*, da Rede Globo, afirma que se “colocava tão dentro da novela, da vivência italiana, que era o nosso dia-a-dia lá (RS) e aqui (RR)”. As sagas imigrantes narradas na teledramaturgia, literatura, cinema e teatro, as associações étnicas, com suas festas e eventos, os roteiros turísticos e peças publicitárias, a difusão de estudos acadêmicos e as facilidades da internet, contribuem eficientemente na composição das narrativas, dão consistência, credibilidade e legitimidade à memória individual e coletiva e a identidade.

Todas as formas citadas concorrem fortemente para que uma gama variada de informações ajude a introjetar referenciais e marcadores étnicos nestes gaúchos migrantes. Contribuem decisivamente para que se engendrem formas de representação e de autorepresentação extremamente funcionais e necessárias a situação de viver em um outro lugar, e foram usadas de maneira eficiente na composição das narrativas estudadas.

Importante destacar que a imagens que os migrantes gaúchos descendentes de italiano

narraram é mais que uma definição pessoal e personalística. Define-os também como seres sociais, pois demarcam o seu grupo regional de pertença, permitindo que se situe no seio de uma sociedade que não é a sua por definição. Permite que ocupe um lugar na sociedade que escolheu para viver e que engendre relações, sentidos e significados que lhe possibilitem a integração em Roraima e a satisfação dos seus anseios, aqueles da época da migração e os atuais.

Referências Bibliográficas:

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JOBIM, José Luís. *Formas da Teoria: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários*. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.

KAISER, Jakzam. *Ordem e Progresso: o Brasil dos gaúchos*. Florianópolis: Insular, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Ed UNESP, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Carla M. de. Do Chuí ao Oiapoque: migrações de de gaúchos para Roraima. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 1997.

SOUZA, Carla M. de *Gaúchos em Roraima*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SOUZA, Carla M. de. O Gaúcho Povoador: notas sobre os processos migratórios recentes no Rio Grande do Sul. *Histórica*, Porto Alegre, n.5, pp.91-101, 2001.

SOUZA, Carla M. de. História, Memória e Migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2004.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2002, vol.22, no.44, p.341-364. Disponível: www.scielo.br/scielo.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.